

Bom-Crioulo





ADOLFO CAMINHA

Bom-Crioulo

TEXTO INTEGRAL

De acordo com a primeira edição, Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães – Editor, Livraria Moderna, Rua do Ouvidor, 54, 1895

Apresentação de

Samira Youssef Campedelli

Bom-Crioulo

gerente editorial Fabricio Waltrick
editora Lígia Azevedo
editora assistente Fabiane Zorn
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisoras Cláudia Cantarin e Rita Costa

ARTE

projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
capa *Sagrado coração*, 2011, obra de Leonilson
coordenadora de arte Soraia Scarpa
assistente de arte Thatiana Kalaes
diagramação Ludo Design
tratamento de imagem Cesar Wolf, Fernanda Crevin
pesquisa iconográfica Sílvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C191b
8.ed.

Caminha, Adolfo, 1867-1897

Bom-Crioulo / Adolfo Caminha ; apresentação Samira Youssef Campedelli ; apêndice Antonio Carlos Olivieri. - 8.ed. - São Paulo : Ática, 2012.

128 p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-16198-0

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

12-7561.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 16198-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 16199-7 (professor)
Código da obra CL 736783

2012
8ª edição
1ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | CEP 02909-900 | São Paulo | SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br | www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Uma história de paixão e tragédia 7

I 13

II 23

III 31

IV 41

V 51

VI 57

VII 64

VIII 74

IX 81

X 88

XI 96

XII 104

Vida & obra 111

Resumo biográfico 119

Obras do autor 121

Obra da capa 125

UMA HISTÓRIA DE PAIXÃO E TRAGÉDIA

Samira Youssef Campedelli

Mestra e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Foi autora, editora e hoje leciona no curso de graduação em Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA), na USP.

Para os naturalistas (e Adolfo Caminha foi um deles), o homem é um animal cujo destino é determinado pela hereditariedade, pelo efeito de seu meio ambiente e pelas pressões do momento.

Concepção deprimente essa: rouba dele todo o seu livre-arbítrio, toda a responsabilidade pelos seus atos, que ficam sendo apenas o resultado inescapável da força e das condições físicas além de seu controle...

Em ficção, o protagonista de uma obra naturalista está, portanto, à mercê das circunstâncias e não de si mesmo — ele parece, muitas vezes, não ter entidade própria, como se fosse teleguiado ou manejado qual um fantoche. Ele é objeto de análise: cabe ao autor desenvolver uma tese em torno daquilo que o cerca.

Seja como for que se enfoque, a escola responde a uma tendência de época, que lhe outorgou a precisão e a objetividade científicas; a exatidão na descrição; o apelo à minúcia; o culto ao fato.

A frieza do narrador em relação às suas personagens responde à exigência do romancista como um observador dos acontecimentos, mero captador da realidade circundante.

— Qual então o seu papel?

— O de registrar tão desapaixonadamente quanto possível essa realidade. E tentar, pretensamente, imitar a impessoalidade de um cientista.

Houve quem dissesse que o naturalismo foi uma força avançada de realismo, ou seja, o realismo mais acentuado, sem meias cores, sem meias verdades.

Desse modo, o bom naturalista seria aquele que transpusesse para o romance a vida tal e qual: na sua crueza e na sua brutalidade. Nesse sentido, *Bom-Crioulo* demonstra que Adolfo Caminha soube interpretar perfeitamente o receituário.

Nesta história de paixão e tragédia, ambientada em grande parte no mar, raríssimas são as cenas que não fazem jus à realidade. O tema é enfocado com ousadia mas também com crueza e o rigor de observação ditados pela época.

Forte e dramático, humano e verdadeiro, emerge de *Bom-Crioulo* uma grandeza paradoxal, porque advinda das explosões do vício e do crime. Grandeza, entretanto, que coloca esta narrativa como um dos pontos altos na tradição romanesca brasileira (guardadas, evidentemente, as proporções que a época lhe infligiu).

Os seres evocados no romance estão na condição de homens tristes e endurecidos, tanto pelo hábito do mando como pela disciplina cruel e pela repressão sexual. De outro lado, são seres humanos envilecidos, humilhados, seja pelo hábito de obedecer (aos seus impulsos, à autoridade), seja pela desmoralização a que estão sujeitos a todo instante na vida.

O leitor pode sentir a presença do destino na gente rudimentar, grosseira (entretanto, gente *de verdade*), que habita as páginas da narrativa: desde Amaro, o Bom-Crioulo, cuja força física contrasta — segundo a tese naturalista — com uma suposta “fraqueza moral”; até Aleixo, concebido como fraco, e Carolina, cuja profissão a faz fraca e forte a um só tempo.

Força e fraqueza são dois polos que se atraem neste romance, não por acaso feito de opostos. Aleixo, o grumete, atrai o Bom-Crioulo exatamente naquilo em que contrasta com ele: é fraco, pueril, branco. Já Carolina é seduzida pelo aspecto infantil do marinheiro, pelos seus olhos azuis e puros: ela que era uma prostituta e nunca passara pela experiência do amor sem interesse, nem pela maternidade...

Pode haver a sugestão de uma interpretação psicanalítica para os acontecimentos deflagrados no romance, principalmente em torno do tipo de Carolina — mulher carente de afeto, necessitada de transmitir seu potencial maternal para alguém. Repare-se no tratamento dedicado a Aleixo, como se fosse de mãe para filho. Por outro lado, a relação entre Bom-Crioulo e o grumete pode ser vista como compensatória: homens brutalizados pela profissão compensam sua vida miserável na afetividade. É o que lhes sobra do livre-arbítrio.

Note-se, no entanto, a perseguição constante a que estão sujeitos. O romance abre a sua narrativa exatamente com um castigo corporal sendo aplicado sem dó nem piedade... É nessas cenas que Adolfo Caminha dá seu testemunho para a posteridade (ele próprio foi oficial de Marinha) e registra um status quo intimidador. Ele se demora nas descrições dos casti-

gos, revela-os com minúcia e marca as reações dos personagens, homens submetidos sem lutas, sem rebeliões.

Houve quem enxergasse em *Bom-Crioulo* um libelo a favor da homossexualidade. Houve quem visse o contrário. Ora, o narrador pretende manter-se naquela posição de frieza tão característica da estética naturalista, indo a extremos só o requinte de minúcias com que descreve, sejam os castigos corporais, sejam as cenas sexuais. Desse modo, não lhe passam despercebidas as nuances de um olhar libidinoso, de um gesto corporal, da tonalidade de uma pele, da ardência de um desejo, das intencionalidades em geral.

Mestre perfeito de seu ofício (o de registrar a realidade que o cerca), o narrador é firmemente audacioso, notadamente quando não se restringe aos estreitos horizontes do moralismo: e, nesse caso, emerge disposto a colocar em cena os limites extremos que o tema suscita.

Resulta, assim, uma obra sem caricaturas ou camuflagens: desde o início já se sabe da atração de Amaro por Aleixo e, mais tarde, de Carolina pelo grumete. Não se trata de uma narração alusiva ou sugestiva — ela é feita às claras, sem esconder nada.

Grande trunfo do narrador — nesse sentido — é a linearidade, gradativa, em que os acontecimentos se sucedem, justapondo-se uns aos outros, evoluindo no tempo matemático. Os fatos funcionam como um grande painel e o leitor pode perceber que a história cresce até atingir seu ponto alto.

Outro recurso de grande validade é o ponto de vista vazado na terceira pessoa, com onisciência do narrador, o que lhe facilita (e ao leitor também) a percepção dos fatos.

Enredo construído com minúcias (e note-se que o narrador se atém exclusivamente a ele, sem desviar sua atenção para nada), todas as suas partes ligam-se na fabulação por um nexos de necessidade científica, progressivamente. Os fatos estão ordenados entre si, racionalmente organizados, de modo a formar um universo fechado. Uma espécie de acordo íntimo entre a história, a composição e seus personagens: um todo harmônico e coeso, tecnicamente perfeito.

A intenção deste romance, portanto, resume-se em acompanhar os personagens em seu movimento, como se fosse o espectador que registrasse a evolução do drama alheio sem interferir: o romance escreve-se a si próprio, através do ficcionista. Os heróis e a heroína (usemos esses termos por força de nomenclatura) são submetidos à reação conhecida do ciúme e em torno desse sentimento se faz o jogo amoroso. Nesse

caso, um jogo brutal, possessivo, no qual o alvo do amor de Amaro e de Carolina é o mesmo. Não há disputa, não há diálogo, nem entendimento. Repare-se, no relato, que Amaro foi comparado a Otelo, o tipo shakespeariano encarnador do ciúme. Irrracionalmente guiado pelo sentimento, Amaro destrói a única causa boa e digna de sua existência. Equipara-se a um animal, age por impulso e condena-se, assim, à concepção deprimente que vimos no início deste comentário.

Bom-Crioulo resulta, dessa forma, em romance de tese. Tudo nele caminha numa ordem inalterável até o epílogo, com uma supervalorização do instinto sobre os sentimentos, do animal sobre o racional. É incisivo e impressionante e seria mais ainda se o tratamento de todos os personagens tivesse sido o mesmo dispensado a Amaro. Mesmo assim, é um romance que resiste ao tempo e deixa entrever sua atualidade ainda hoje, passado mais de um século de sua primeira edição.



Bom-Crioulo

I

A velha e gloriosa corveta¹ — que pena! — já nem sequer lembrava o mesmo navio de outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera de lenda, branca e leve no mar alto, grimpendo serena o corcovo das ondas!...

Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de “patescaria”². Vista ao longe, na infinita extensão azul, dir-se-ia, agora, a sombra fantástica de um barco aventureiro. Toda ela mudada, a velha carcaça flutuante, desde a brancura límpida e triunfal das velas té à primitiva pintura do bojo.

No entanto ela aí vinha — esquife³ agourento — singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; ela aí vinha, não já como uma enorme garça branca flechando a líquida planície, mas lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar...

Havia pouco entrara na região das calmarias: o pano começava a bater frouxo, mole, inchando a cada solavanco, para recair depois, com uma pancada surda e igual, no mesmo abandono sonolento; a viagem tornava-se monótona; a larga superfície do oceano estendia-se muito polida e imóvel sob a irradiação meridional do sol, e a corveta deslizava apenas, tão de leve, tão de leve que mal se lhe percebia o movimento.

1 **corveta**: veloz navio de guerra. (N.E.)

2 **patescaria**: o termo se origina de *patesca*, gíria marítima para designar o marinheiro que tem grande amor à profissão e permanece largo tempo a bordo. (N.E.)

3 **esquife**: embarcação. (N.E.)

Nem sinal de vela na linha azul do horizonte, indício algum de criatura humana fora daquele estreito convés: água, somente água em derredor, como se o mundo houvesse desaparecido num dilúvio medonho..., e no alto, lá cima, o silêncio infinito das esferas obumbradas pela chuva de ouro do dia.

Triste e nostálgica paisagem, onde as cores desmaiavam à força de luz e a voz humana perdia-se numa desolação imensa!

Marinheiros conversavam à proa, sentados uns no castelo, outros em pé, colhendo cabos ou estendendo roupa ao sol, tranquilamente, esquecidos da faina. As chapas dos mastros, a culatra das peças, varais de escotilha, tudo quanto é aço e metal amarelo reluz fortemente, encandeando a vista.

De vez em quando há um grande rebuliço: a mastreação geme, como se fora desprender-se toda, o pano bate com força de encontro às vergas, chocam-se cabos com um ruídozinho seco, e ouve-se o cachoeirar da água no bojo da velha nau.

— Aguenta! diz uma voz.

E volta o sossego e continua a pasmaceira, o tédio, a calmaria sem fim...

Já os primeiros sintomas de indolência refletiam-se no semblante da gente, convertendo-se em bocejos e espreguiçamentos de sesta, e ainda ficavam tão longe as montanhas da costa e os carinhos da família!...

Escasseavam os gêneros, e o regime da carne-seca e das conservas em lata aproximava-se ameaçadoramente, causando apreensões à marinhagem.

Tinham dado onze horas na sineta de proa.

O tenente que estava de quarto⁴ no passadiço conferiu o relógio de algibeira, um belo cronômetro de ouro comprado em Toulon, torceu o bigode, passou uma vista de olhos no aparelho, e, dirigindo-se para a espada que descansava junto ao mastro, numa voz clara um pouco metálica:

— Corneta!

Era um oficial distinto, moço, moreno, os olhos vivos e inteligentes, grande calculista, jogador da sueca e autor de um *Tratado elementar de navegação prática*.

Ninguém a bordo o excedia na procura dos logaritmos. Calculava de olhos fechados, e senos e cossenos acudiam-lhe à ponta do lápis de um modo admirável. Era, invariavelmente, o primeiro que achava a hora meridiana. Tornara-se conhecido logo ao sair da escola pelo seu entranhado amor às matemáticas e à vida naval. Como guarda-marinha deixava-se ficar a bordo nos dias de folga, somente “para não perder o hábito”.

4 estar de quarto: estar de plantão. (N.E.)